

POEIRA DA ESTRADA E CINZAS, DE DARCY BRASIL

Rejany Carvalho Lemes

Escrever sobre o passado de Três Corações, seus costumes, sua gente e seu desenvolvimento, é quase impossível sem consultar os trabalhos de pesquisa de Darcy Brasil, escritor tricordiano nascido em 1916. Neste trabalho tecemos alguns comentários sobre os seus textos que foram publicados nos livros *Poeira da Estrada e Cinzas*. Nesses textos o autor fala a seu modo de diversos personagens e fatos que foram importantes na história de Três Corações.

Em “O Turco”, crônica em prosa ritmada que abre o livro *Poeira da Estrada*, são lembrados por Darcy alguns estrangeiros importantes que ajudaram o município a crescer sempre mais, como José Francisco Farah, Nicolau Daher, Miguel Ainda e Mané Turco, que mascateavam as estradas, sulcavam as gerais e chegavam a Três Corações. Traziam com eles as belezas bizarras das coisas orientais. Foram os pioneiros, segundo o historiador Benefredo de Souza (o “Bedeco”, autor do livro *Boiada vai, Máquina vem!...*, que nos fala da modernização e da industrialização em Três Corações). Esses turcos ajudaram a construir a Fernão Dias e com ela surgiram empresas como a Nestlé, a Mangels, a Guabi e a Atalaia, do beduíno Jorge Gibram.

A crônica “O caminho das boiadas”, também de *Poeira da estrada*, fala das boiadas fazendo poeira nas ruas, dos vaqueiros trazendo suas reses, isso em meados do século XVIII. Junto com os ferroviários e os militares, eles foram muito importantes para o desenvolvimento da cidade.

Na crônica “Tomé, o fundador”, do livro *Cinzas*, Darcy fala de Tomé Martins da Costa, bandeirante que em meados do século XVIII resolve parar de trilhar os caminhos das minas de ouro e cria raiz aqui na antiga Real Passagem do Rio Verde. Por isso ele é considerado o fundador da cidade.

Terra esta que ontem mesmo era todo sertão e que a mão do homem chegou e foi revolvendo. Milho brota viçoso no chão molhado. Gado leiteiro e de corte, tudo se agita e canta na Fazenda do Porto Real. Tomé Martins queima o tronco dos negros e proíbe a matança dos índios. “A cidade que aqui crescer (dá gosto da gente pensar) será dos três corações: do branco, do índio, do negro.” (BRASIL, 1982:19.)

Em outra crônica Darcy fala da famosa feira de gado de Três Corações inaugurou-se em 23 de maio de 1900 a Feira de Gado, conhecida como maior da América do Sul naquela época. Segundo Darcy, quase todos os moradores desfrutavam de uma vida social e econômica estável, não conheciam o sufoco, isso devido á Feira de Gado. Junto com a Feira de Gado chega também o Banco do Brasil, devido à economia do município e mais precisamente aos bois.

Encontramos na crônica “A poesia e a cidade”, do livro *Cinzas*, o Trenzinho da Alegria guiado por Mário Gomes, que vivia jogando sorrisos pelas ruas. Esse baixinho e moreno era Mário Gomes, o poeta ferroviário que nas horas vagas trabalha na Rádio Clube Jorge Avelar.

Poetas... por aqui passaram e deles ninguém se esquece por que o poeta se parece muito com as coisas eternas. Sua música, sua lágrima, seu riso, tudo fica por aí, nos ares. (BRASIL, 1982:116.)

Outro grande passo para o desenvolvimento social, econômico do município foi o café, citado na crônica “O Café”, do livro *Cinzas*. O arroz, o engenho de rapadura e o feijão não davam créditos no Banco do Brasil. Assim, alguém manda o senhor Francisco Antonio da Fonseca a São Paulo para aquisição de mudas de café. O mesmo planta o primeiro pé de café aqui, daí surgem incontáveis cafezais.

Na crônica “Os Leilões de São Sebastião”, do livro *Cinzas*, Darcy fala do importante dia festivo aqui em Três Corações. O dia 20 de janeiro, em que era feito o leilão de São Sebastião. Os leilões de prendas na frente da velha matriz, fazendeiros, boiadeiros, peões, moças e beatas enchiam as ruas e o adro da igreja. Os fazendeiros escolhiam e mandavam as melhores cabeças de gado para os leilões.

Outra pessoa importante lembrada por Darcy encontra-se na crônica “Walter Mafra e o violão”, do livro *Cinzas*. Walter Mafra alegrava as noites de Três Corações com seu companheiro violão. Ele era cego, mas isso não o impedia de tocar nos bares e no teatro Francisco Nunes. Na década de 70, vai a Porto Alegre, participar do terceiro seminário internacional de violão, acontecimento de caráter oficial, patrocinado pelo MEC. O aluno de Walter Mafra, Eustaquio Alves Grilo, obteve o terceiro lugar entre 162 candidatos, entre eles europeus e sul-americanos.

Na crônica “Exposição de Quadros Divagações”, do livro *Cinzas*, Darcy destaca a cultura do município. Fala das exposições que eram montadas por Alísio de Avelar Corsini, como auxiliar da Prefeitura, no salão principal do Clube Três Corações. As telas eram dispostas com inteligência e arte, colorindo a noite.

Encontra-se na crônica “Pescadores do Rio Verde”, do livro *Cinzas*, o Rio Verde descendo, sorrindo e abraçando Três Corações.

Nas suas margens os pescadores, sentados nas canoas, lá vão eles, pensando apenas nos lambaris, nas piabas e nos dourados (...) joga o anzol e a isca, se não beliscar não importa, o que vale é o prazer de estar só, ouvindo a música das águas que correm, lambendo as margens, umedecendo a terra para o plantio, invadindo chão adentro pelas vazantes. Perde a noção do tempo, é noite quando regressa para casa. Sempre traz peixes, é pescador antigo e não fala mentiras. (BRASIL, 1982:29).

Darcy fala também, na sua crônica “Domingos Borges, o satírico”, do livro *Cinzas*, de seu grande amigo ferroviário Domingos Borges. Domingos Borges era uma das figuras rio-verdenses mais expressivas no reino da sátira, das piadas sadias. Passou a vida a rir dos outros e também de si próprio, como sabem fazer aqueles que contam o fato sem intenção de ferir.

Cumprida sua missão aqui na terra, Darcy Brasil, num dia frio de inverno, em 19 de julho de 1983, descansa. Vale a pena, então, lembrar seus versos sobre a morte, no poema “Última vontade”, publicado no livro *Poeira da Estrada*.

Quando eu morrer,
Enterrem-me entre os decepcionados e os tristes.
Procurem saber onde a sepultura do pecado e da amargura
E me enterrem por lá.

Não quero flores na lápide,
Nem mesmo cruz indicando
Que eu me dizia cristão.

Aceitarei músicas, sensibilizado
- os acordes finais da Quinta de BEETHOVEN,
Ou o canto de um sabiá.
(BRASIL, 1975:64)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, Darcy. *Cinzas*. Editora Véritas, 1982.

BRASIL, Darcy. *Poeira da Estrada*. Pouso Alegre, 1975.